

Sociedade Portuguesa de Física comemorou 25 anos

Um encontro de dois dias nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian assinalou, no passado mês de Novembro, o 25º aniversário da Sociedade Portuguesa de Física (SPF).

A reunião contou com os patrocínios da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, além da própria Fundação Gulbenkian, e registou uma afluência significativa de sócios.

Os últimos 25 anos da Física em Portugal, o presente e o futuro da Física no nosso país, a Física no limiar do terceiro milénio, o ensino da Física, a Física nas Ciências da Saúde, a empregabilidade dos físicos: a dimensão, magnitude e actualidade dos temas que preencheram o programa do encontro comemorativo dos 25 anos da SPF, nos passados dias 26 e 27 de Novembro nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, alimentariam seguramente muitos dias de debate e dariam conteúdo para um livro com várias centenas de páginas.

O que se pretende dizer com isto é que os organizadores do encontro colocaram deliberadamente a fasquia a um nível muito elevado, procurando com esta iniciativa lançar no seio da classe as primeiras sementes de uma reflexão, estudo e questionamento do que é a condição dos físicos – nas diversas vertentes em que a sua actividade se exprime, da docência à investigação, passando por outros rumos profissionais – hoje em Portugal. Encontros como este são momentos de festa, pois não é todos os dias que uma sociedade científica comemora um quarto de século de existência. Daí que o convívio e confraternização entre os participantes tenham ocupado, dentro e fora das sessões, um espaço importante durante os dois dias do encontro (assinale-se o jantar no Hotel Mundial). Mas se esta vertente é sempre parte integrante e inseparável de eventos comemorativos, mais im-



portantes e significativos se mostram os tempos de intervenção e debate.

Mariano Gago, Ministro da Ciência e Tecnologia – ele próprio um físico, como lembrou – encerrou os trabalhos com uma intervenção em que situou o lugar da comunidade científica no quadro europeu, em seu entender secundário e com pouca capacidade de influência das decisões. Por isso, lançou o desafio à SPF e aos seus membros para que apresentem propostas, promovam iniciativas, organizem estruturas de pressão que façam valer os pontos de vista e as perspectivas dos cientistas e investigadores.

Degenerescência das escolas

Bragança Gil e Moreira Araújo, professores respectivamente das universidades de Lisboa e Porto, tiveram a seu cargo o papel de evocar os últimos 25 anos da Física em Portugal. Fizeram-no com afecto e rigor.

O tema do presente e do futuro da Física em Portugal teve como dinamizadores os jovens Ana Henriques (CERN), Fernando Nogueira (Universidade de Coimbra), José Ferreira Mendes (Universidade do Porto), Leonel Marques (Universidade de Aveiro), Nuno Peres (Universidade de Évora) e Pedro Ferreira (Universidade de Oxford).

A apresentação do que é a Física no limiar do terceiro milénio esteve a cargo de três convidados estrangeiros: Denis Weaire (Trinity College, Dublin),

Michael Berry (Universidade de Bristol) e Michael S. Turner (Universidade de Chicago), que falaram respectivamente sobre espumas, enigmas da Física e cosmologia.

Três painéis ocuparam-se de grandes temas que hoje preocupam os físicos – o ensino da Física nos ensinos básico e secundário, a Física nas Ciências da Saúde e a empregabilidade dos físicos. Os dois primeiros têm repercussão nesta “Gazeta” (ver carta de Ana Arriaga e entrevista com Manuel Paiva) e a eles voltaremos. Falemos, em mais pormenor, do terceiro.

O questionamento do que são e para que servem os físicos atravessou as intervenções de todos os participantes neste último painel. Coube ao engenheiro Lourenço e Castro, da Cabelte, abrir as “hostilidades”, afirmando que quase metade dos 19 engenheiros existentes na sua empresa poderiam ser substituídos, sem desvantagem para a sua empresa, por físicos. Sublinharia ainda a necessidade de o sistema de ensino formar professores, técnicos e quadros especializados que possam servir, depois, as empresas. O grande problema, acrescentou, é o “incesto da vida académica”, com as escolas a terem os seus “tiques e idiossincrasias” que provocam uma “degenerescência das escolas”. Por isso, sustentou, “é necessário fazer ‘cruzamentos’ para melhorar o património genético das escolas”.

Lourenço e Castro manifestou-se convicto de que as empresas querem bons profissionais, que têm de ser antes disso bons alunos. O problema é que “os bons alunos vão para os cursos que lhes garantam uma sobrevivência e carreira segura”: “É preciso dar a volta a este círculo vicioso”, concluiu Lourenço e Castro, para quem a “escola é quem melhor pode definir e balizar os seu próprio caminho”.



“Os físicos vão sendo necessários à medida que as empresas se vão desenvolvendo”, afirmou por seu turno o engenheiro Dias Miranda, do Instituto da Soldadura e Qualidade. Citou também o caso da sua empresa, onde há sete licenciados em Física, mas que poderiam ser muito mais porque “uma boa parte dos nossos projectos dizem respeito às suas qualificações”.

Físicos servem para pouco?

Aquele participante situou igualmente o problema das escolas, que “não são suficientemente sedutoras para atrair os alunos”. A qualidade das escolas e das pessoas que ali leccionam é “fundamental para a formação e visibilidade dos físicos”, mas a verdade é que “não há pedidos de emprego de físicos”, o que coloca em primeiro plano a “importância de as escolas mostrarem aquela visibilidade” e, além disso, “estimulem nos alunos a criação das suas próprias empresas”. Dias Miranda terminou a sua intervenção afirmando que as saídas profissionais não se resumem “ao Estado ou em lugares noutras empresas, onde os físicos acabam a trabalhar por conta de outrem”.

As considerações e afirmações mais polémicas surgiriam na intervenção de José Salcedo (Efacec), na linha, aliás, do artigo de opinião que publicou na “Gazeta de Física” (Abril-Junho deste ano). Feitas as contas aos 2000 trabalhadores do grupo Efacec, José Salcedo identificou 600 engenheiros electrotécnicos, dos quais metade poderiam ser substituídos por físicos “com vantagem”. E, contudo, não é assim. Porquê? “Porque os físicos na indústria, em Portugal, servem para muito pouco”, afirmaria aquele professor universitário, para quem “as empresas não podem ser consideradas lugares de emprego, mas como oportunidades de trabalho”. No entanto, para que isso assim seja, sublinhou José Salcedo, é necessário que as universidades “formem jovens libertos dos seus formadores e que ousem pen-

sar por si próprios, capazes de aplicar ferramentas na criação das suas próprias oportunidades de trabalho”. Ora, a conclusão natural é que a realidade não é essa, com os problemas e dificuldades que facilmente se adivinham para quem se prepara para entrar no mercado de trabalho.

O encontro comemorativo dos 25 anos da SPF terminou com a assinatura de um protocolo de cooperação da SPF com a Real Sociedade Espanhola de Física e a Sociedade Brasileira de Física, subscritos por José Dias Urbano (SPF), Gerardo Barrio (Espanha) e Humberto Brandi, presidentes das três sociedades científicas (ver caixa).

Carlos Pessoa

gazeta@malaposta.fis.uc.pt

Acordo de Cooperação

Considerando:

1 – As excelentes relações culturais bilaterais existentes entre Portugal, Brasil e Espanha e o interesse em as fortalecer,

2 – O acordo de cooperação, assinado em 18 de Setembro de 1992, entre a Real Sociedade Espanhola de Física e a Sociedade Portuguesa de Física e

3 – O interesse em fomentar as relações de cooperação no domínio da Ciência e em particular da Física no âmbito do espaço Ibero-Americano,

A Real Sociedade Espanhola de Física, A Sociedade Brasileira de Física e a Sociedade Portuguesa de Física, aqui representadas pelos seus Presidentes, estabelecem entre si um acordo de cooperação que se rege pelos seguintes princípios:

1º – a) Cada uma das Sociedades reconhece aos sócios das outras o

direito de participar em todas as suas actividades nas mesmas condições que os seus próprios sócios.

b) Para o exercício do direito conferido na alínea anterior basta a simples prova da qualidade de sócio de uma das três Sociedades.

2º – Cada uma das Sociedades compromete-se a manter consultas regulares com as outras com vista a facilitar a obtenção de posições comuns no âmbito dos vários organismos internacionais em que participam, nomeadamente no âmbito da IUPAP, International Union of Pure and Applied Physics e da Federação Ibero-Americana das Sociedades de Física.

3º – Cada uma das Sociedades compromete-se a apoiar a realização conjunta de reuniões científicas e profissionais de âmbito Ibérico e Ibero-Americano.

Lisboa, 27 de Novembro de 1999.